

ENTREVISTA

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ENTREVISTA

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade,

Entrevista com a professora Dra. Ana Maria Veiga¹²⁸

Entrevista concedida à

Gilson Mateus Pinto Junior¹²⁹

Yasmim Azevedo da Silva¹³⁰

Entrevista realizada presencialmente em:

24 de outubro de 2024.

Gilson Mateus (Espacialidades): Boa tarde, professora. Meu nome é Gilson Mateus e somos mestrandos em História pela revista *Espacialidades*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História. A temática da nossa entrevista é intitulada *20 anos de História: desafios ao ofício do historiador na contemporaneidade*. Gostaríamos de iniciar a entrevista pedindo que a senhora comentasse um pouco

¹²⁸ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, com pós-doutorado em Ciências Humanas também pela UFSC. Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Presidenta da Associação Nacional de História (ANPUH) - biênio 2023-2025. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5507849878186996>.

¹²⁹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrando em História pelo Programa de pós-graduação em História, campus Central, da mesma universidade de formação. Bolsista CAPES. Integrante do Laboratório de Experimentação em História Social (LEHS/UFRN). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7371580681147910>. Email: gmateus2018@gmail.com.

¹³⁰ Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande Norte. Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História, campus Central, da mesma universidade de formação. Bolsista CAPES. Integrante do Laboratório de Experimentação em História Social (LEHS/UFRN). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4730405468305308>. Endereço de e-mail: yasmim.silva.700@ufrn.edu.br/ yasmimazevedods@gmail.com.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade



sobre como percebe, diante do contexto atual que estamos vivendo, o avanço da extrema-direita no Brasil e no mundo, de maneira geral. Como a senhora interpreta o papel da História e a importância do ofício do historiador nesse cenário socioeconômico e político tão complexo?

Ana Maria Veiga: Essa entrevista está sendo gravada no dia dos professores, o que acho importante frisar. A História, como vocês mencionaram, está sendo constantemente atacada por governos de direita e extrema-direita, porque o trabalho do historiador é justamente buscar os fatos e fazer uma representação fiel desses fatos. O fato é o nosso guia, o alicerce do nosso trabalho. Quando um governo de extrema-direita assume o poder, a primeira coisa que ele faz é tentar reverter as visões históricas que não o beneficiam. Então, o papel da História, nesse contexto de ascensão da extrema-direita, é o de resistência. A luta pela História é constante, como diria o Pedro. Isso também destaca a relevância do nosso papel, da nossa profissão. O nosso grande papel é continuar buscando, da melhor forma possível, uma interpretação verossímil e verdadeira dos fatos, mais do que uma "verdade" simples, pois a verdade é muito mais complexa do que muitos pensam. Nosso papel é resistir, estar na sala de aula, produzir material e questionar as versões que a direita quer impor, criando uma visão distorcida da História, que podemos chamar de *fake news*. Essa tentativa de criar uma historiografia de direita, distorcendo os fatos, é parte de um processo mais amplo de desinformação.

Gilson Mateus (Espacialidades): Acredito que sua resposta já dialoga com a próxima questão, que trata exatamente do papel da ANPUH Brasil, a Associação Nacional dos Professores de História, que historicamente se constituiu como uma instituição excludente, inicialmente voltada para professores universitários, mas que, ao longo do tempo, começou a incluir também os profissionais da educação básica. Com a emergência da História pública, que visa socializar o conhecimento histórico, gostaria que a senhora comentasse sobre esse processo de construção e divulgação do conhecimento histórico como uma estratégia para combater a desinformação,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

que tem dado espaço para o avanço das fake news e, consequentemente, da extrema-direita.

Ana Maria Veiga: A Associação Nacional de História, a ANPUH Brasil, foi criada em 1961 como uma associação de professores universitários, mas ao longo do tempo foi incorporando as demandas de diferentes profissionais, incluindo professores do ensino básico. Durante a ditadura, por exemplo, foram os estudantes que pressionaram a ANPUH a se posicionar politicamente, e hoje somos, em grande parte, constituídos por profissionais da educação básica. A nossa principal luta hoje é pela educação básica de qualidade, sem deixar as outras áreas de lado. Quanto à História pública, ela sempre existiu, mas foi nas últimas décadas que passou a ser teorizada como uma modalidade de conhecimento que vai além das escolas e universidades. No entanto, a extrema-direita também usa a História pública, mas com uma perspectiva distorcida, pois a História pública não é produzida por historiadores. Ela é aquela que constrói a consciência histórica nas pessoas, desde suas casas, suas formações e grupos sociais. Um exemplo recente disso é a tentativa de desqualificar a Lei Maria da Penha, dizendo que Maria da Penha mentiu sobre a violência sofrida, o que é uma completa inversão dos fatos. Esse tipo de informação se espalha rapidamente nas redes sociais e muitas pessoas acabam acreditando, criando uma visão histórica equivocada. Então, quando falamos de História pública, precisamos pensar em como chegar até as pessoas, até as redes sociais, usando a criatividade. Não há um modelo único, mas sim um trabalho contínuo de resistência, dentro e fora da sala de aula. O historiador tem que pensar em como produzir conhecimento que alcance as pessoas de uma forma relevante e que contraponha as narrativas distorcidas da extrema-direita.

Yasmim Azevedo (Espacialidades): As questões estão bastante conectadas com as falas da senhora. A próxima pergunta aborda exatamente essa atuação dos profissionais, considerando o pilar da universidade, que não separa a pesquisa da prática do ensino. Como a senhora avalia, dentro do contexto atual, o papel dos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

historiadores e dos profissionais de História na formação de sujeitos que possam se posicionar ativamente na sociedade, especialmente em um momento de avanço da extrema-direita? Como podemos, como historiadores, contribuir para a formação crítica de nossos alunos?

Ana Maria Veiga: Acho que devemos nos apropriar de todas as ferramentas disponíveis, desde a inteligência artificial até a linguagem dos alunos, que pode variar conforme o contexto. Se a turma se interessa por música, por exemplo, podemos usar o rap ou o funk como recursos didáticos. Falo aqui como professora, não como presidente da Ampo. A sala de aula é um espaço de conquista, e não podemos chegar com uma mentalidade colonizadora, achando que estamos ali apenas para ensinar. O aprendizado não acontece dessa maneira. Quando conseguimos conquistar a confiança dos alunos, eles começam a perceber que também têm algo a ensinar, e não é o senso comum, mas o melhor de sua experiência e do que têm aprendido. A comunicação precisa ser verdadeira, para que a aula tenha sentido. À medida que a relação de confiança é estabelecida, é possível adaptar o conteúdo ao que está acontecendo no cotidiano dos alunos e trazer a história de maneira que toque suas realidades. No contexto da universidade, a situação é mais rígida, mas também é necessário repensar as práticas pedagógicas e os planos de ensino. Por exemplo, como incluímos temas sobre pessoas negras, indígenas, e outras questões sociais nas nossas aulas? Estamos tratando da realidade das pessoas que entram na universidade com novas demandas, querendo falar sobre suas vivências e suas comunidades. Isso muda a dinâmica da sala de aula. É preciso reconhecer que as cotas nas universidades transformaram a composição da sala de aula, e isso exige uma mudança de abordagem por parte dos professores.

Gilson Mateus (Espacialidades): A resposta foi excelente. A senhora traz uma questão muito relevante, que é a história da universidade como um espaço historicamente destinado à elite, e como as cotas vêm modificando esse cenário. Esses alunos que ingressam na universidade, especialmente aqueles que vêm das

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

cotas, trazem novas demandas. Gostaria que a senhora comentasse como avalia o papel dos historiadores na mobilização do conhecimento histórico como ferramenta para pluralizar esses espaços e fazer com que esses alunos se sintam pertencentes. Embora vivamos no mito da democracia educacional no Brasil, sabemos que a prática é bem diferente. Além disso, como instituições como a ANPUH pode contribuir para a implementação de novas políticas que promovam a inclusão e a diversidade dentro do ambiente acadêmico, permitindo que esses sujeitos historicamente marginalizados tenham voz nesses espaços?

Ana Maria Veiga: Sim, as universidades foram feitas para as elites, né? Eu até tenho textos nos quais falo sobre sujeitos imprevistos, né? Sujeitos e sujeitas, que a gente brinca um pouco com isso. São os "imprevistos" em sala de aula. Então, uma jovem mulher negra, ao chegar à universidade, rapidamente vai perceber que ela não é tão bem-vinda assim ali, né? Os olhares, a maneira como os colegas, às vezes até os professores, se dirigem a ela. A conformação racista da nossa sociedade vai se mostrar muito rapidamente. Onde é que essa jovem vai encontrar seu espaço? Provavelmente em um grupo de mulheres negras na universidade, que, hoje em dia, acho que não tem universidade que não tenha, né? Um grupo de mulheres negras. Ali, ela vai começar a fazer suas leituras. Não estou falando apenas das mulheres, mas também tem os neabis, tem os jovens homens que estão nessa situação. Essas leituras abrem janelas. Elas começam a ler Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro... Essa leitura interdisciplinar vai formar, como posso dizer, o embasamento teórico que vai ser constituído no grupo de militância. Isso vai ser levado para a sala de aula, vai ser levado para o debate, vai ser colocado como uma questão. E quando é que a gente vai falar sobre isso aqui? Ah, mas tem também essa outra questão. Então, essas pessoas começam a colocar demandas para professores e professoras, que acabam ou incomodando, ou precisam ser abordadas de alguma forma. Como é que eu vou orientar o trabalho desse aluno? Você vai ter que ler, vai ter que se informar, vai ter que estudar. Então, aí entra o que a Nilma Lino Gomes

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

chama de "movimento negro educador". Esse movimento é educador em vários sentidos, mas, na universidade, ele também vai se constituir dessa forma. Eu falei da universidade, mas também estou falando do ensino básico, porque essas questões vão chegar. Elas vão chegar no rap, vão chegar no funk, vão chegar nas questões de gênero, e vão ter que ser trabalhadas. Então, acho que isso é muito importante, para que, pelo menos, se perceba que tem algo a ser feito, que algo está mudando na universidade. E não adianta dizer que é identitarismo, porque essas pessoas têm o direito de levar suas histórias consigo. Isso é o que está acontecendo hoje. Na ANPUH, por exemplo, quero deixar claro que isso não é da nossa gestão, mas sim da gestão anterior, do nosso colega Valdeira Ujo, que preparou isso com a mudança do estatuto. Essa mudança nos fez chegar à primeira gestão com uma diretoria ampliada. Hoje, a nossa diretoria tem sete cargos fixos, entre eles a presidência e a tesouraria, além de outras secretarias, mas também onze diretorias adicionais. Uma delas é a diretoria de Equidade, Diversidade de Gênero e Pautas LGBTQI+, e a outra é a diretoria de Questões Étnico-Raciais e Pautas Antirracistas. Por meio dessas diretorias, se não existissem essas funções, teríamos que lidar com essas questões de outra forma, porque, afinal de contas, somos duas mulheres negras na presidência. Então, nós também trazemos um pouco dessa perspectiva. Essas diretorias nos ajudam a promover ações. Ações como lives, cursos de formação, que iniciamos em outubro e seguirão até maio, com cursos diversos. Não é só... E aqui também entra a visão de história pública. A gente tem a Marta Rová, na diretoria de História Pública e Cursos. Não só a Marta, mas também a Fabiola Sevilha, da UFRN, e o Ricardo Santiago, entre outros, que ajudam a pensar nessas possibilidades. E, na Diretoria de Pautas Antirracistas, temos a Fernanda Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que é da Rede dos Trailers Negros. Já na diretoria de Equidade e LGBTQIA+, temos pessoas envolvidas com militância, como Elias Veras, Cida Brasez, Kleber Simões e Renata Melo. Essas diretorias foram inicialmente previstas para serem compostas por três pessoas, mas foram agregando mais, porque duas da gestão anterior também quiseram ficar como apoio. Eu

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

também participo dessas construções. Além disso, temos a Janaína Guimarães, da OPE. Enfim, depois posso passar os nomes corretamente, se precisarem.

O que quero dizer com isso é que, com essa estrutura, a gente vai pensando em ações possíveis. Desde cursos até lives, até intervenções em estados também. Nossa vida não é apenas essa; a gente precisa pensar em como nos mobilizar. Às vezes, isso surge por demanda, como quando acontece algo e decidimos responder de determinada forma. Ou, quando não há nada acontecendo, pensamos: o que vamos fazer? Vamos criar um curso? Uma live? O que podemos fazer? Como vamos levar a história pública mais perto da comunidade e de outros espaços? Uma das ações que já iniciamos, e vou falar sobre isso na conferência, é a modificação do nosso site. Porque, hoje, as pessoas estão conectadas à internet, buscando elementos, por exemplo, para usar no trabalho em sala de aula, no ensino básico. Estamos alterando o site para tornar isso possível, incluindo um espaço de história pública dentro do site da ANPU, o "História Aberta". Então, as demandas chegam pelas várias frentes e a gente vai lidando com elas. Não sei se faltou alguma parte da pergunta.

Gilson Mateus (Espacialidades): E, exatamente, falando dessa pauta que a senhora mencionou, existe uma outra pauta que é muito latente, que é a questão da história ambiental. E, diante desses desastres ambientais globais, o Brasil passou por muitos, os Estados Unidos estão enfrentando, a Europa e a Ásia também... Os cinco continentes têm vivido cataclismos ambientais. Muitos desses desastres não são acidentais, são crimes ambientais, frutos de processos humanos. A partir disso... temos essas pautas democráticas, as pautas de gênero, e também a pauta ambiental tem ganhado destaque nas discussões históricas.

Yasmim Azevedo (Espacialidades): Que, na verdade, não deixa de ser uma questão social também.

Gilson Mateus (Espacialidades): Exatamente, a próxima pergunta dialoga com isso. Como a senhora percebe o papel da história e o conhecimento histórico

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

nas discussões sobre esses cataclismos climáticos que têm assolado a humanidade? Sabemos que os seres humanos, a partir de seus recortes étnico-raciais, de gênero e socioeconômicos, são afetados de maneiras diferentes. Não são todos afetados da mesma forma, como no caso das enchentes no Sul do Brasil, por exemplo. Então, qual é o papel da história e do conhecimento histórico nas discussões sobre essas demandas da história ambiental?

Ana Maria Veiga: Aproveito para falar um pouco sobre os GTs, né, os Grupos de Trabalho. Os GTs, no meu entendimento, são o coração da ANPU, pois são reuniões em torno de temáticas específicas, e muitas vezes isso gera movimentos políticos, né? Um dos GTs que tem se consolidado e crescido muito nos últimos anos é o GT de História Ambiental. O coordenador atual é o Ojoa Planovics, do Paraná. O que quero dizer é que estamos vivendo um momento na história do Brasil, e isso volta, né? Não queremos ficar presos a essa pauta, mas é impossível não relacionar com a ascensão da extrema direita, que não apenas permitiu, mas incentivou que a situação chegasse a esse ponto. Tenho viajado para encontros estaduais e estive em Campo Grande, Marabá e Manaus, todas essas cidades cobertas pela fumaça, com as pessoas sofrendo de maneiras diversas, de acordo com suas possibilidades sociais. Sofrendo as consequências de incêndios criminosos, em um momento de seca absoluta, com os rios baixos. Em Marabá, participei de uma mesa e, depois, fiz uma conferência sobre meio ambiente. Eles estavam discutindo como a floresta é destruída para expandir a criação de gado e o cultivo de soja, usando agrotóxicos em vastos territórios brasileiros. Então, volto a dizer que o papel da história é o papel da resistência, né? Esses GTs vão discutir tudo isso. A pergunta é: vamos nos render ao pessimismo ou vamos fazer algo a respeito? E aí, todos compartilham ideias, se unem, tentando trabalhar junto com os movimentos sociais. Porque apenas da academia, apenas da sala de aula, não conseguimos fazer muita coisa diante de um problema tão grande como a questão ambiental. Então, acho que a chave é se conectar com os movimentos sociais, aprender com eles e, no mínimo,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

contribuir com o que pudermos. Estamos nas frentes políticas, buscando pautas para a comunidade historiadora. Durante nossa gestão, tivemos que ir para reuniões com ministérios, por exemplo, atrás dessas pautas. Isso é o que temos feito, e o GT de História Ambiental está incorporando essa grande luta também. Muitas pessoas desse GT estão envolvidas com movimentos sociais. Quando você vai a um lugar, não está apenas fazendo pesquisa, você está construindo uma relação, se tornando conhecido e, muitas vezes, é um lugar onde você mora. Nos aproximamos dessas pessoas e também nos envolvemos nas lutas e mobilizações deles. O que vamos conseguir? Não sabemos, mas o nosso papel é estar na luta. Com certeza, isso não se limita à sala de aula.

Yasmim Azevedo (Espacialidades): Para encerrar a nossa entrevista, uma última pergunta que pensamos, não exatamente uma pergunta, mas uma mensagem que a senhora gostaria de deixar para as pessoas que estão se formando ou que já se formaram em História. Recentemente, saiu um resultado de uma pesquisa feita pelo Instituto Semestre, que mostra que cerca de 31% das pessoas formadas em História não estão empregadas, enquanto 36% estão trabalhando em áreas que não têm relação com a sua formação. Ou seja, vemos que há uma certa problemática de inserção no mercado de trabalho desses profissionais. E considerando também todo o contexto político, social e econômico que temos vivido, especialmente nas últimas duas décadas, e com uma intensidade maior na última, qual mensagem a senhora gostaria de deixar para esses profissionais da História, para os historiadores e professores?

Ana Maria Veiga: Olha, é complexo, né? Mas assim, no meu entendimento, a gente continua vivendo um momento em que a História é algo... e a gente está falando de um Congresso Nacional, a gente está falando da ascensão dessa direita, que é quem tem dinheiro para mobilizar alguma coisa, a gente está falando do momento em que crescem os cursos de direita, de licenciatura em História, por instituições de direita. A gente está falando da expansão absurda do ensino à

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

distância para licenciatura em História. A gente tem estado em contato com o MEC, tem feito as nossas reuniões, as nossas cobranças, nesse sentido também, fazendo dossiês para aprovar que aquela instituição está ligada a determinado grupo de direita, né? Mas assim, o que eu quero dizer com isso? Houve essa ênfase na História, mas e os outros cursos? Como é que estão também diante disso, né? A História ainda é um alvo, mas a gente está vivendo um momento no Brasil inteiro, que é um momento do que se chamou de "uberização", né? A uberização é aquilo, as pessoas se formam em outras áreas e aí elas vão ser motoristas de aplicativo, entregadores de iFood... Não queria falar a marca, mas enfim... A marca deles é Uber, né? Então, a uberização é o que vem sendo discutido, né? Muita gente se forma e não está trabalhando na sua área, e isso não está acontecendo só na área de História. Então, dentro desse campo, o que a gente tem feito? O que a gente consegue? A gente tem tentado brigar pela própria História, pela disciplina. A gente tem brigado pela profissão, pelo aumento de espaços para que as pessoas possam trabalhar, não só em sala de aula, mas também em outras profissões. E abrindo espaço para a regulamentação da profissão de historiador e historiadora, que aconteceu em 2020, mas que só agora estamos batendo de porta em porta para, de fato, a profissão começar a ser reconhecida, porque é isso. Você tem que chegar no lugar com a lei na mão e dizer: "Olha, aqui tem que ter historiador nessa função". Isso aqui, por exemplo, é um concurso que precisa ser feito para pessoas formadas em História, seja licenciados ou bacharéis, né? E aí, legalmente, você pode assinar esse concurso, você pode entrar com recurso, contra a guia digital. Então, estamos estimulando que isso aconteça. Por outro lado, estamos acolhendo demandas de pessoas que são perseguidas em sala de aula por darem aulas de História, não na visão cristã e terraplanista que essa extrema direita espera, mas na visão de quem é formado para isso, né? Então, que essas pessoas, se o sonho delas, enquanto historiador ou professor de História, não desistam desse sonho. Porque, assim, a gente ainda está vivendo com muita força o rescaldo de todo o estrago feito por esse governo anterior, o governo federal anterior, né? Então, não é de uma hora

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

para outra que as coisas se recuperam. E às vezes é muito difícil, quando temos um Congresso Nacional que ainda não é favorável, e é... como posso dizer... e é, não diria favorável, mas está em prol da colonização, que é o que vivemos desde 1500, né? O período colonial terminou, mas a colonialidade continua e ela está aqui nos nossos dias. E como diria lá Aníbal Quijano, essa colonialidade é do poder, né? Em termos econômicos e políticos, mas também é do saber, está nas universidades e nas escolas. E ela é do próprio ser, que é quando a gente entra nesse estado de ter que assumir qualquer trabalho, mesmo sendo formado, de ter que passar por essa mobilização e tudo mais. Mas que as pessoas não desistam e não percam as oportunidades que aparecerem, sabe? Porque é isso. O que eu espero é que possamos nos unir, ter esperanças, e busquem a ANPU quando tiverem algum problema com o edital de concurso, porque não estamos aqui para ser mais uma associação elitizada. Somos uma grande equipe hoje que trabalha pelas pessoas que são associadas, pelas pessoas que são do canto da História. Então, vamos juntos, porque em algum momento, esse sonho acontece. E as utopias têm que ser reinventadas. Elas não podem ficar no passado, nem apenas nas visões marxistas. Se bem que a utopia marxista é uma utopia da praxis, mas ela tem que ser reinventada, vivida a cada dia. *Faça um parêntese na sua última parte, tira o marxista, que vou arrumar. Olha, minha cabeça.*

Gilson Mateus (Espacialidades): Muito obrigada pela disponibilidade, agradeço em nome de todo o corpo editorial da Revista de Facilidade e no nome da professora Fabiula, editora-chefe. Estamos muito felizes em receber a senhora aqui, foi um prazer.

Ana Maria Veiga: Eu adoro falar com o estudante, estar em sala de aula, estar junto com o estudante, para mim é a melhor parte dessa carreira. Foi um prazer, uma verdadeira aula escutar a senhora.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade